

# Nove caminhos para o progresso

O Distrito Federal pegou o trem para o futuro e descobriu que o percurso é enorme. Isso é investimento, que se traduz em emprego e renda

Ana Helena Paixão

Os caminhos para o desenvolvimento econômico do Distrito Federal apontam em nove direções. Móveis, vestuário, tecnologia da informação, construção civil, agricultura orgânica, flores e plantas, panificação, editorial/gráfica e turismo são as atividades econômicas locais com maior capacidade de atrair investimentos, gerando emprego e renda nos próximos anos.

É esse o cenário traçado pelo *Perfil Competitivo do Distrito Federal*, publicação lançada pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-DF) e pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-DF), com o apoio das entidades empresariais e do governo local. Trata-se de um grande diagnóstico dos setores e cadeias produtivas do DF, com indicação dos problemas a serem solucionados para impulsionar a economia.

Para empresários e governantes, os motivos que transformam esses setores em boas apostas de investimentos são diversos. Vão desde as já bem-sucedidas experiências em andamento – com significativo aumento de receitas e volumes de negócios firmados em todo o Brasil e exterior por segmentos como o moveleiro, de confecção e da tecnologia da informação –, até pela ineficiência de outros em atender a demanda do público brasileiro.

É o caso da agricultura orgânica. Embora a procura por produtos livres de adubos e defensivos agrícolas venha aumentando, o setor ainda não está suficientemente organizado para aumentar a oferta e ampliar os pontos de exposição dessas mercadorias. "De todos os 16 segmentos apoiados pelo Pró-Rural (programa do governo do Distrito Federal de financiamento para pequenos e médios agricultores), esse é o menos tradicional e consolidado", reconhece o secretário chefe da Agência de Desenvolvimento Econômico e Comércio Exterior do Distrito Federal (Adecex), Rogério Schumann Rosso.

"Definitivamente, o pequeno número de produtores e mercadorias orgânicas disponíveis têm impedido o crescimento do setor no Distrito Federal", avalia o secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, Lindberg Cury. "Em relação a produtos e alimentos primários, o Distrito Federal ainda importa 80% do que consome. Precisamos de uma boa fábrica de macarrão, empresas que trabalhem com o beneficiamento de arroz, feijão, café, trigo"... , avalia.

Invertendo esse processo, continua Lindberg Cury, o DF poderá expandir as indústrias com potencial de crescimento. "De todas as cadeias produtivas com possibilidade de desenvolvimento, a moveleira, a de confecção e a de tecnologia da informação são as mais promissoras. São indústrias limpas, que trabalham com alta tecnologia e consolidadas a ponto de gerar muitos empregos e levar seus produtos para vários estados e outros países", justifica.

## FORTALECER E EXPORTAR

Para o dirigente da Adecex, Rogério Rosso, se fosse possível equacionar o crescimento econômico do Distrito Federal, ele teria uma fórmula simples: organização dos setores produtivos locais, com apoio governamental;

fortificação dos segmentos mais promissores; e, para aquelas empresas já razoavelmente organizadas, exportação. "É esse o resumo. É o que estamos consolidando, nos últimos cinco meses, na agência", afirma.

Criada neste ano pelo GDF, a entidade tem o objetivo de coordenar o planejamento e integrar ações de todas as secretarias de Estado ligadas ao desenvolvimento econômico, influenciando diretamente em áreas como turismo, agricultura, tecnologia, indústria, comércio e serviços. Também coordena o Conselho de Desenvolvimento Econômico do DF – órgão criado em 2003, que reúne governo, setores produtivos e trabalhadores.

"A ideia é discutir de forma unificada, com foco no mercado, o desenvolvimento do DF, que deve ser de alta sustentabi-

lidade da economia e com uma visão regional", comenta Rosso. "Não somos apenas o quadrilátero. Para se desenvolver de fato, o DF deve estar integrado ao Entorno, ao Centro-Oeste e ao Mercoeste (formado por todo o Centro-Oeste, mais Acre e Rondônia). Assim, em vez de competição, haveria complementação econômica entre o DF e os estados associados", completa.

De acordo com os ministérios de Desenvolvimento e da Integração Regional, a região central do país tem apresentado um dos maiores índices de desenvolvimento econômico brasileiro. Em reunião ocorrida na última quinta-feira em Cuiabá (MT), esses ministérios e membros do conselho do Fundo de Investimentos do Centro-Oeste (FCO) discutiram as novas diretrizes para o desenvolvimento regional.

"Devemos contar, muito em breve, com dois fundos de financiamento. O FCO deve ser direcionado para as pequenas microempresas. Para as grandes e médias, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) está criando uma linha nova, nos moldes do FCO", revela Rogério Rosso.

O governo local, por sua vez, também abre novos incentivos.

Empresas de logística, que pensam em como o DF pode transformar-se em pólo distribuidor de mercadorias para todo o país – devido a sua localização geográfica estratégica e interligação com todos os estados por rodovias, ferrovias e aeroportos –, já contam com linha específica de financiamento (o Pró-Logística).

Empresas de Manaus já contataram a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, interessadas em grandes áreas do Pró-DF. Pretendem mandar produtos para serem montados e distribuídos do Distrito Federal para o resto do Brasil e do mundo. "O Distrito Federal reúne todas as condições necessárias para ser um pólo integrador do país. Por isso, já estamos pensando em criar um novo pólo de desenvolvimento econômico,

como o de Moda e o JK. Seria o Pólo de Logística", completa o chefe da agência de desenvolvimento.

## ESQUEÇAM AS INDÚSTRIAS TRADICIONAIS

Apesar das boas perspectivas e incentivos às empresas e indústrias locais, há quem veja equívocos na política de desenvolvimento econômico praticada no Distrito Federal. É o caso do chefe do Departamento de Economia da Universidade de Brasília, professor Jorge Nogueira, que tem se dedicado ao tema nos últimos 18 anos. "Certas atividades não têm perfil para ser desenvolvidas aqui. Injetar recursos públicos nelas é jogar dinheiro fora", dispara.

Para ele, incentivar atividades agrícolas e agropecuárias na região é pura teimosia. "O custo é muito caro. Só justifica para atividade em grande escala, com maquinários pesados e produtos agrícolas, o que degradaria o meio ambiente", pondera. "Os recursos do Pró-Rural deveriam ser usados na criação de um cinturão agrícola na região do Entorno, em parceria com o governo de Goiás", completa. O especialista também descartaria investimentos em indústrias tradicionais, como de móveis e têxtil. "Hoje elas sobrevivem com os incentivos recebidos do governo. Sem financiamento, elas não se sustentam."

Então, qual seria a solução para o Distrito Federal? "Temos que nos concentrar no que somos bons e deixar o resto para o Entorno, diminuindo a pressão sobre o DF. Temos a melhor renda per capita do país, a maior concentração de mão-de-obra bem qualificada, graças à enorme concentração de centros de ensino e de pesquisa. Portanto, nosso desenvolvimento deve aproveitar os excelentes profissionais disponíveis", analisa o professor Jorge Nogueira. "O DF precisa, mais do que indústrias limpas, de indústrias inteligentes, de tecnologia da informação."

Nesse ponto, especialistas, empresários e governantes concordam. Eles calculam que empresas baseadas em alta tecnologia, com profissionais altamente qualificados, estariam consolidadas plenamente num prazo de 15 a 20 anos, mesmo quando cessassem os incentivos fiscais, tarifários e creditícios do poder público. "Isso geraria emprego em toda a cadeia produtiva, inclusive para aqueles menos qualificados. Afinal, duvido que seja o Bill Gates (dono da Microsoft) quem limpa o chão de sua empresa", conclui o chefe do Departamento de Economia da UnB.

"Não somos apenas o quadrilátero. Para se desenvolver de fato, o DF deve estar integrado ao Entorno, ao Centro-Oeste e ao Mercoeste. Assim, em vez de competição, haveria complementação econômica entre o DF e os estados associados"

Rogério Schumann Rosso  
Secretário chefe da Agência de Desenvolvimento Econômico e Comércio Exterior do Distrito Federal (Adecex)

## Cadeias produtivas com maior potencial de desenvolvimento



### MÓVEIS

Em todo o Distrito Federal, existem 180 empresas moveleiras. Juntas, elas geram 3.500 empregos diretos. Com atuação média de 13 anos no DF, seu potencial de desenvolvimento se deve ao fato de que, além de atender parcialmente à demanda local, ainda existem muitas oportunidades a serem



### VESTUÁRIO

Há muitas empresas informais no DF, mas o sindicato do setor registra 350 estabelecimentos – 10% dominam 80% do mercado. A produção é encarecida pela ausência de matéria-prima local e de estrutura de atacado e aviamento. A concorrência externa enfraquece as empresas locais. É preciso investir em treinamento gerencial e de mão-de-obra.

### INFORMÁTICA

São 1.024 empresas de tecnologia da informação e biotecnologia no DF. A maioria (85%) é



candanga e atua no mercado, em média, há 13 anos. Juntas, elas empregam 25 profissionais altamente qualificados (inclui anualmente uma média de 330 graduados na área) e faturaram, em 2002, R\$ 2 bilhões. Apresenta a melhor estruturação de todas as cadeias produtivas locais.



### CONSTRUÇÃO CIVIL

É o mais antigo segmento (42 anos de existência) e representa 4,1% do mercado de trabalho local. Como os espaços vagos em Brasília estão praticamente esgotados, tem cabido ao setor público fornecer novas oportunidades de trabalho, com as construções de anéis viários, viadutos e obras de infra-estrutura e do Pró-DF.



### AGRICULTURA ORGÂNICA

O setor agropecuário congrega 14.700 propriedades rurais, sendo 87% delas pequenas e minipropriedades agrícolas. Há demanda e interesse dos supermercados em promover a venda de produtos naturais, que alcançam

valor médio 25% superior ao do produto comum. Mas a produção orgânica no DF ainda está a cargo de uma mão-de-obra pouco qualificada.



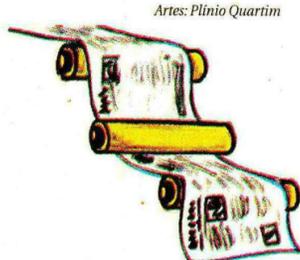
### FLORES E PLANTAS

Brasília é a terceira maior consumidora de flores e plantas do país. A produção local é beneficiada pelo clima, mercado consumidor com elevado poder aquisitivo e demanda gerada pelo grande número de casas com áreas verdes. Diariamente, são vendidas 90 mil unidades de flores, folhagem e plantas envasadas. Um mercado em expansão, que movimentará R\$ 250 mil por mês.



### PANIFICAÇÃO

Existem 1.200 padarias no DF. Mas há prejuízo à produção local, com perda de competitividade, pela ausência de matéria-prima. Apenas dois moinhos de trigo operam na região, abastecendo apenas 40% do mercado. Enquanto o PIB da panificação no Brasil chega a R\$ 19 bilhões, o do DF não ultrapassa 3% desse total. Além disso, é necessário capacitar a mão-de-obra.



### EDITORIAL/GRÁFICA

Em março de 2001, o segmento já congregava 2.426 empresas e um total de 6.796 funcionários. O comércio varejista de livros, revistas e jornais reunia mais 1.343 empresas e 2.213 empregados. Mas a mão-de-obra necessita de qualificação permanente. O governo federal é responsável por 57% do movimento do setor, o local, por 11% e a iniciativa privada, por 32%.



### TURISMO

O Distrito Federal recebe anualmente 2,3 milhões de visitantes. Por dia, 162 voos, de várias cidades brasileiras, chegam a Brasília. A rede hoteleira conta com 22 mil leitos. No entanto, 50% de suas acomodações estão ociosas. É preciso investir nos pontos de visitação, na infra-estrutura, na divulgação turística do DF em todo o Brasil e no exterior, além de melhor capacitar a mão-de-obra.